



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS NA AMÉRICA LATINA**

O PASSADO REFLETIDO NO PAPEL SOCIAL DO POVO NEGRO
ARTIVISMO LITERÁRIO NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: OLHOS D'ÁGUA

Milka Selestina Primo

Foz do Iguaçu
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITOS
HUMANOS NA AMÉRICA LATINA**

O PASSADO REFLETIDO NO PAPEL SOCIAL DO POVO NEGRO

ARTIVISMO LITERÁRIO NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: OLHOS D'ÁGUA

Milka Selestina Primo

Artigo apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Direitos Humanos na América Latina

Orientador/a: Livia Santos de Souza

Foz do Iguaçu
2022

MILKA SELESTINA PRIMO

O PASSADO REFLETIDO NO PAPEL SOCIAL DO POVO NEGRO
ARTIVISMO LITERÁRIO NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: OLHOS D'ÁGUA

Artigo apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito parcial para a conclusão do curso de Especialização em Direitos Humanos na América Latina

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Livia Santos de Souza
UNILA



Profa. Dra. Edinelia Maria Oliveira Souza
UNEB



Prof. Me. Waldson Dias
UNILA

Foz do Iguaçu, 22 de Setembro de 2022.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do/a autor/a: Milka Selestina Primo

Curso: Especialização em Direitos Humanos na América Latina

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(x) especialização	(X) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: **O PASSADO REFLETIDO NO PAPEL SOCIAL DO POVO NEGRO ARTIVISMO LITERÁRIO NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: OLHOS D'ÁGUA**

Nome do orientador(a): Livia Santos de Souza

Data da Defesa: 22/09/2022

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, 22 de Setembro de 2022.



Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a nós, mulheres negras, com quem compartilho a caminhada, aprendendo e dividindo a esperança de um mundo mais justo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço todas as mulheres negras, irmãs de luta, parceiras das dificuldades; agradeço aquelas que exercem papel fundamental na luta contra a discriminação social e aquelas que diariamente vivenciam essas situações.

As aulas da Especialização de Direitos Humanos que propiciaram minha reflexão sobre o tema e minha identificação enquanto mulher negra.

A minha orientadora, sem o qual não teria conseguido concluir esta difícil tarefa, agradeço não só pela constante orientação neste trabalho, mas, sobretudo pela sua amizade.

Epígrafe

*Sou negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh`alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gongôs e agogôs*

*Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor de engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu*

*Depois meu avô brigou como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso*

*Mesmo vovó
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou*

*Na minh`alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação*

Solano Trindade

RESUMO

Este artigo propõe-se a construir uma análise de alguns Contos do livro Olhos D'Água escrito por Conceição Evaristo, tendo em vista as possíveis intersecções do passado de escravidão do povo negro, os constructos sociais decorrentes dessa situação de exploração que evidenciam de forma cada vez mais premente que a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e de racismo e o impacto desses questões nas relações interpessoais desses grupos racializados. Contou-se com o apoio de alguns autores que conceituaram as questões relacionadas a raça, desumanização assim como teorias da Psicologia da Análise do comportamento, para as análises dos Contos destacados, onde foi possível concluir que a hierarquização dicotômica entre humano e não humano da modernidade colonial apresenta relação com a forma como a população negra se coloca diante da sociedade e como essa população responde aos conflitos e demandas da vida diária.

Palavras-chave: Desumanização; Raça; Ativismo; Estratificação social; Colonialismo

RESUMEN

Este artículo se propone construir un análisis de algunos Contos del libro Olhos D'Água escrito por Conceição Evaristo, en vista de las posibles intersecciones del pasado de esclavitud del pueblo negro, las construcciones sociales resultantes de estas situaciones de explotación que evidencian en en todos los sentidos Es cada vez más apremiante que la sociedad contemporánea no puede entenderse sin los conceptos de raza y racismo y el impacto de estos temas en las relaciones interpersonales de estos grupos racializados. Contamos con el apoyo de algunos autores que conceptualizaron cuestiones relacionadas con la raza, la deshumanización así como teorías de la Psicología del Análisis de la Conducta, para el análisis de los Relatos destacados, donde fue posible concluir que la jerarquía dicotómica entre lo humano y lo no humano de la modernidad el colonialismo está relacionado con la forma en que la población negra se enfrenta a la sociedad y cómo esta población responde a los conflictos y demandas de la vida cotidiana.

Palabras llave: Deshumanización; Raza; activismo; Estratificación social; Colonialismo

ABSTRACT

This article proposes to build an analysis of some Contos from the book Olhos D'Água written by Conceição Evaristo, in view of the possible intersections of the past of slavery of the black people, the social constructs resulting from these situations of exploitation that evidence in each way. It is increasingly pressing that contemporary society cannot be understood without the concepts of race and racism and the impact of these issues on the interpersonal relationships of these racialized groups. We had the support of some authors who conceptualized issues related to race, dehumanization as well as theories of Behavior Analysis Psychology, for the analysis of the highlighted Tales, where it was possible to conclude that the dichotomous hierarchy between human and non-human of modernity colonialism is related to the way the black population faces society and how this population responds to the conflicts and demands of daily life.

Key words: Dehumanization; Breed; activism; Social stratification; Colonialism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
AS MARCAS DECORRENTES DOS SECULOS DE ESCRAVIDÃO	18
ARTIVISMO LITERÁRIO E CONCEIÇÃO EVARISTO	21
OLHOS D'AGUA: IDENTIDADE E HUMANIZAÇÃO	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

EPÍGRAFE

Conforme me aprofundo em minhas leituras tenho entendido cada vez mais que para ser negro é necessário que nos tornemos negro. E o processo de tornar-se negro é complexo, assustador e doloroso, mas libertador, pois tornar-se negro é a possibilidade de desvencilhar-se das amarras do dominador, olhar para si, para os outros e ver-se representado, entendendo que ser negro é estar entre os seus e encontra-se enquanto grupo e pertencer sendo referência para os que estão no processo de tornar-se negro e sendo referenciado por aqueles que já percorreram esse caminho e estão na luta diária de resistência, de fazer presente, de ser reconhecido enquanto sujeito, enquanto povo que ao longo da história contruiu um legado de incríveis conquistas em todo o mundo.

Tendo pontuado esse fato gostaria de me apresentar. Sou mulher, negra e ao longo de minha infância era chamada de **Nega Fulô** por um tio materno, que sempre que me via cantarolava:

Nega do cabelo duro
Que não gosta de pentear
Quando passa na Baixa do Tubo
O negão começa a gritar
(Caldas, 2006)

Às vezes era repreendida por minha avó materna, responsável por mim na ausência de meus pais que trabalhavam durante o dia. Por vezes, as repreensões de minha avó tinham caráter pejorativo, me chamando de neguinha e referenciando as diferenças entre a minha pessoa e meus primos maternos, todos brancos. Na escola, em alguns momentos fui isolada em função da cor da minha pele, contudo, até então não havia me dado conta do racismo embutido nessas situações.

Ao longo da minha infância, os contatos familiares mais freqüentes eram com minha família materna, meu pai um homem negro, não era muito de conviver com seus familiares o que me distanciava cada vez mais de me reconhecer enquanto mulher negra e, portanto com descendência africana.

Meu pai como já sinalizei aqui é um homem negro retinto, mas pasmem para o fato de que cresci ouvindo-o dizer que era branco e não havia quem o fizesse entender que não era bem assim, uma vez que, para ele a prova cabal e incontestável de que ele era branco era seu registro de nascimento que o declara como branco.

Hoje percebo que a busca pela ancestralidade sempre esteve em mim. Seja quando perguntava pelas fotografias da família de meu pai, ou como eles eram e a resposta que obtinha era que ele não tinha nenhuma fotografia, mas sua irmã mais velha deveria ter.

Lembro que fomos até essa tia, mas as fotografias não foram encontradas. Isso aconteceu há muitos anos, hoje o contato com minha família paterna é muito maior, mais próximo e freqüente. As fotos que não foram encontradas a cerca de 20 anos atrás, recentemente foram compartilhadas no grupo da família.

Sempre fui uma leitora ávida, em parte pelo fato de que aos 7 anos minha família optou por desistir da Televisão. Desde então, ler passou a ser minha paixão. Lia tudo de livros de ficção a rótulos de shampoo. Tomei gosto por romances e esses se tornaram meu vício diário. Uma leitura que me marcou foi a de uma revista Geográfica que contava a história de uma tribo africana e naquela cultura o seio da mulher não era sexualizado sendo sua função restrita a nutrição. A relação daquela comunidade com o seio feminino era similar à relação que temos com a chupeta de uma criança.

Dessa forma, as mulheres daquela comunidade não cobriam seus seios e as nutrizes tinham alta probabilidade de ser abordadas pelas demais pessoas da comunidade quando amamentavam com o intuito de brincar com a criança e da mesma forma que fazemos aqui, de brincar com uma criança retirando sua chupeta, nessa comunidade o “objeto” a ser retirado era o seio materno.

Em 2005 adentrei a Universidade Estadual de Londrina pelo sistema de cotas afro descendentes e essa foi minha primeira experiência de declarar-me negra para um grupo de pessoas com o objetivo de classificar-me como afro descendente e vivenciar o processo de discriminação positiva.

Conscientizar-me da minha cor e dos percalços atribuídos a ela, atrevo-me a dizer que me tornei consciente ainda em idade escolar. Contudo quanto ao processo de tornar-se negro, mulher negra, percebo que tem sido um processo extremamente lento, mas potencializado pela Especialização em Direitos Humanos da Unila, onde pude me aprofundar na temática negra e vivenciar relatos de histórias que desconstrói o apagamento da historia do povo negro e possibilita a representação da raça negra assim como a importância de se pensar a historia dos negros pela luta pela liberdade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta uma leitura da Obra *Olhos D' água* de Conceição Evaristo fundamentada na prerrogativa do ativismo, movimento no qual é possível intervir poética e performaticamente, utilizando-se da arte como subsídio para construir espaços de reflexão, análise, comunicação, assim como de opinião no campo político por uma causa política e muitas vezes por uma mudança de âmbito social e/ou transformação urbana.

A obra *Olhos D'Água* apresenta uma significativa galeria de mulheres: Ana Davenga, a mendiga Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaíta. Essas mulheres, que apresentam diferentes idades, diferentes vivências, compartilham de um contexto desfavorável que posiciona a mulher negra na sociedade em situações sistemática de discriminações, subempregos, baixa escolaridade, vulnerabilidade individual, social, econômica e de violações de direitos que revelam histórias de sofrimento, sobrevivência, desumanização e silenciamento da Mulher Negra ao longo de sua vida.

Olhos D'Água é um livro de ficção brasileiro que apresenta uma sequência de contos escritos por Conceição Evaristo de Brito, considerada uma das mais influentes lingüistas e escritora brasileira do movimento pós-modernista no Brasil.

Conceição Evaristo de Brito é escritora, doutora em Literatura Comparada e professora universitária, nasceu na periferia de Belo Horizonte. Pela obra "*Olhos d'Água*", a autora foi contemplada com o 3º lugar na categoria Contos e Crônicas do Prêmio Jabuti, em 2015. Recentemente, ela também recebeu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura pelo conjunto da sua obra, sendo a primeira escritora negra a receber essa premiação desde que foi criada.

Conceição Evaristo iniciou suas atividades laborais ainda na infância, aos 8 anos teve seu primeiro emprego doméstico e desde então passou a desempenhar atividades como levar crianças vizinhas a escola já que levava seus irmãos, cuidar dos irmão e dos vizinhos o que lhe rendia alguns trocados e ainda auxiliar a mãe e a tia na lavagem de roupas entregando essas nas casas das patroas, Conceição também trocava trabalho

doméstico com suas professoras por aulas particulares, maior atenção na escola e pela possibilidade de ganhar livros didáticos para ela e seus irmãos.(CONCEIÇÃO, 2009)

Conceição conta que a partir da obra de Maria Carolina de Jesus, lançado em 58, pode vivenciar o sentimento de ver se representada na obra e que tal representação despertou em sua mãe o desejo de também escrever um diário, o qual ela ternamente guarda consigo e diz que a partir desses escritos é possível provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou uma tradição literária.(CONCEIÇÃO, 2009)

Conceição Evaristo relata que sua experiência escolar foi a mais diversificada possível e nesse contexto ela vivenciou várias situações desde o “apartaid” escolar que segregava as crianças em andares por classificações como: classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora enquanto ela e seus irmãos ficavam nas classes do porão do prédio, ao qual ela relaciona aos porões do navios. Após desejar ser aluna do andar superior por muito tempo, Conceição Evaristo por fim, consegue ao ser aprovada com méritos da terceira para quarta série, contudo tal fato desgostou alguns professores, no entanto, Conceição, resistiu e sempre que possível se colocava nos espaços, mesmo sem ser convidada teimosamente se apresentava em eventos escolares, concursos sendo apoiada por sua mãe constantemente fazia cobranças a escola e acompanhava as dificuldades da filha.(CONCEIÇÃO, 2009)

Em 1958, Conceição Evaristo ganhou seu primeiro prêmio de literatura, vencendo um concurso de redação que tinha o seguinte título: “Por que me orgulho de ser brasileira”. A redação foi avaliada positivamente por todos os professores, contudo, houve discordâncias em relação a premiação devido ao fato de que Conceição não havia sido uma aluna bem-comportada. Haja visto que se esperava certa passividade de uma menina negra e pobre, assim como de sua família, no entanto avalia que ela e sua família tinham consciência, mesmo que difusa, de suas condições de pessoas negras, pobres e faveladas.(CONCEIÇÃO, 2009)

Conceição Evaristo relata que suas primeiras lições de negritude são devidas a um tio materno, Osvaldo Catarino Evaristo que ao longo dos anos estudou e desenvolveu seus dons de poeta, desenhista e artista plástico tendo sido sempre um consciente questionador da situação do negro brasileiro.(CONCEIÇÃO, 2009)

Conceição Evaristo aponta para o fato de não ter nascido rodeada de livros, contudo reflete que desde criança aprendeu a colher palavras. Que sua casa, mesmo vazia de bens materiais, era repleta de palavras, palavras que teciam as histórias

contadas por sua Mãe, sua tia, seu tio velhinho, pelos vizinhos e amigos. E nessa variedade de histórias, tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia. E que embora sua família fosse constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, o mundo da leitura, o da palavra escrita, ainda lhe foi apresentado nesse contexto, relata ainda que todos seus familiares eram seduzidos pela leitura e pela escrita.(CONCEIÇÃO, 2009)

A partir da leitura Conceição relata o gosto pela escrita onde escrevia junto a sua família, bilhetes, anotações familiares, orações. Segundo ela, sua relação com a literatura começou nos fundos das cozinhas alheias, uma vez que sua mãe, tias e primas trabalhavam em casas de grandes escritores mineiros ou nas casas de seus familiares.

E é nesse contexto que nasce as escritas de Conceição Evarista, obras que são atemporais, uma vez que permite a denuncia de fatos e situações que ainda hoje fazem parte da realidade do povo negro. Para mim a leitura de Olhos D'Água foi a possibilidade de representação, de encontrar-se no outro, de encontrar-se num Quilombo.

Durante a leitura dos contos, um dos principais elementos que chamou minha atenção foi o desenvolvimento dos personagens, a forma como esses se colocavam e se expressavam diante do mundo e das situações vivenciadas. Meu questionamento foi direcionado a minha impressão de que os personagens vivenciam cotidianamente situações de sofrimento e quando as coisas parecem ter uma perspectiva de melhora aconteceu um ponto de ruptura determinado pela morte.

Enquanto mulher negra me vi representada na Obra Olhos D'Água e a partir dessas representação busquei desenvolver reflexões sobre os temas tratados nos contos e ao fazer isso me deparei com a dificuldade de colocar em palavras a gama de sentimentos que os contos despertaram em mim.

Acredito que o livro Olhos D'Água representa com profundidade e clareza os aspectos da relação do negro com a sociedade e para consigo mesmo. Apesar da dificuldade de colocar em palavras os sentimentos, pensamentos e reflexões que a leitura do livro causou em mim, percebi que eu estava mudando.

Tal mudança remetia a aceitação de mim mesma, apesar de sempre ter me declarado como mulher negra, ousou dizer que a partir da leitura de Olhos D'Água passei a me ver representada e aquele limite que me segurava, mais uma vez ousou dizer, permitiu-me a ruptura do processo de branqueamento que até então me cerceava, dessa forma, além de começar um processo de transição capilar, após 20 anos alisando o cabelo, também tive despertado em mim a necessidade de conhecer outras autoras negras,

assim como, outras pessoas negras de influência, outra coisa que a leitura despertou em mim foi a curiosidade de conhecer a história do povo negro que tenho percebido cada vez mais, é uma história de luta e resistência a qual a cultura eurocentrica insiste em esconder.

Inicialmente esse trabalho tinha por objetivo analisar os padrões de comportamentos apresentados pelos personagens da obra, comportamentos esses que são personificados na vida cotidiana da população negra. Ao finalizar a leitura da obra o principal questionamento enxergado por mim era a incapacidade dos personagens de falar sobre suas questões, oferecer argumentos, questionamentos de forma a comunicar seus medos, questionamentos, inseguranças, entre outros, e, a partir disso terem a possibilidade de refletir, esclarecer e desenvolver potencialidades, assim como garantir um espaço de fala e escuta.

No entanto, a partir do aprofundamento nos referenciais teóricos foi possível perceber que é preciso construir um espaço do que é o silenciamento diferenciado do comportamento de passividade. Pois enquanto o primeiro é um processo que é externo e reforçado por aqueles que detém o poder o segundo implica a falta de atitudes do individuo e, quando se fala do povo negro e de negro escravizados a história nos demonstra que fomos sempre resistência.

Dessa forma, a literatura nos permite a imersão no contexto, a conscientização de demandas historicamente construídas produtos da colonialidade do poder que continuamente submete os grupos minoritários a partir das perspectivas de raça e gênero a situações de invisibilidade, dessa forma a arte, a literatura se torna instrumento de potência, de denúncia, chamando assim atenção para com as contradições e lutas vivenciadas na realidade, ampliando nosso olhar para os aspectos sociais e políticos e possibilitando uma visão da totalidade da vida social.

A obra Olhos D'Água apresenta uma significativa galeria de mulheres: Ana Davenga, a mendiga Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaíta. Tais mulheres que apresentam diferentes idades, diferentes vivências, contudo compartilham de um contexto desfavorável que posiciona a mulher negra na sociedade em situações sistemática de discriminações, subempregos, baixa escolaridade, vulnerabilidade individual, social, econômica e de violações de direitos que revelam histórias de sofrimento, sobrevivência, desumanização e silenciamento da Mulher Negra ao longo de sua vida.

Foi utilizada neste trabalho a pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, nas

perspectivas de que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, sendo responsável por fornecer o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea.

O livro *Olhos D'Água* representa com profundidade e clareza os aspectos da relação do negro com a sociedade e para consigo mesmo, o que possibilitou analisar pontualmente as conseqüências das desvantagens e da submissão vivenciadas pela população negra e como essas situações repercutem em seus desenvolvimentos individuais.

AS MARCAS DECORRENTES DOS SECULOS DE ESCRAVIDÃO

Os séculos de escravidão do Brasil deixaram marcas profundas. Nosso passado colonial-escravista produziu uma sociedade extremamente racista, em que negras e negros são recorrentemente alvos da violência do Estado. (PESTANA, OAKIM, 2015)

Com a abolição o negro deixa de ser propriedade, mas deixar de ser propriedade não significa se tornar cidadão de direitos, uma vez que, o governo não planejou e nem criou formas para promover a inserção social do negro, dessa forma, ao deixar de ser escravo, o negro se torna, responsável por si mesmo, e se vê sem terra, sem renda, sem respaldo, sem condições de subsistência e marginalizado da sociedade.

Aquele escravo, antes a força de trabalho daquela sociedade, a partir do momento em que se torna um homem livre é denominado por essa de vadio, preguiçoso que só serve pra pinga e cachaça. Sendo também transformado por essa sociedade em vilão, bandido e marginal.

Apesar de constituir a maior parcela da população, o negro permaneceu sem ser reconhecido como cidadão. Raras vezes pôde ter acesso à educação e, conseqüentemente, arranjar um bom emprego e então ter condições de adquirir uma moradia segura. Mas, principalmente, continuou sofrendo com o preconceito étnico, o que pode justificar a violência que a população negra sofre no Brasil, como vem sendo noticiado atualmente.

Historicamente a escravidão marginalizou o negro enquanto propriedade do homem branco. A partir do momento que o homem negro deixa de ser propriedade, passa a reconhecer-se enquanto pessoa de direitos, direito à melhores condições de vida, direito a fazer parte da sociedade e, portanto, ser cidadãos de direitos, ele enfrenta o desafio de

encontrar seu lugar na sociedade, e para conseguir seu espaço o negro luta sozinho, uma vez que, essa necessidade de espaço é desconsiderada pelo Estado o que contribui para que o homem negro seja excluído pela sociedade, e tenha a necessidade de ocupar espaços que são marginalizados, dessa forma, o espaço do negro, o lugar que esse passa a ocupar na sociedade é um espaço repleto de violações de direitos e, esses espaços são denominados de favelas.

Assim sendo, analisa-se que o racismo, foi historicamente construído e concomitante a isso a população negra é muito mais sensível a passar por alguma violação de direitos e/ou vivenciar algum tipo de vulnerabilidades como: **vulnerabilidade social**, caracterizada por aspectos culturais, **vulnerabilidades sociais** e **econômicos** que determinam as oportunidades de acesso a bens e serviços e a **vulnerabilidade programática** refere-se aos recursos **sociais** necessários para a proteção do indivíduo a riscos à integridade e ao bem-estar físico, psicológico e **social**. (PESTANA, OAKIM, 2015)

Analisando a construção histórica do Brasil podemos avaliar que a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e de racismo. Dessa forma, há de se ponderar que a formação social brasileira tem a raça como um dos seus eixos centrais. (ALMEIDA, 2019)

Considerando que várias ciências já comprovaram que não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos, concluímos que, a noção de raça é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários. (ALMEIDA, 2019; CHAVES, 1971)

O termo raça denomina um conceito que é relacional e histórico, ou seja, quando falamos de raça falamos de continências, conflitos, poder e decisão. Assim sendo, é preciso estar atento ao fato de que o poder está presente enquanto elemento central da relação racial, sendo que o efeito dessa relação, denominada de racismo, compreende nada mais, nada menos, do que a capacidade de dominação que os grupos que detém o poder possuem de exercer domínio e influência sobre a organização política e econômica da sociedade, assim como a capacidade que esse grupo detém de exercer a manutenção desse poder e institucionalizar seus interesses, impondo regras, padrões de condutas e modos de racionalidade a toda sociedade de forma a normalizar e naturalizar seu domínio. (ALMEIDA, 2019)

A manutenção do poder pelo grupo dominante implica a capacidade que esse

grupo detém para lidar com os conflitos, uma vez que, será necessário assegurar o controle da instituição, e não somente com o uso da violência, mas pela produção de consensos sobre a sua dominação. Dessa forma, o racismo pode ter sua configuração alterada pela ação ou pela omissão dos poderes institucionais que a fim de garantir o controle da economia e decisões fundamentais da política no grupo hegemônico produz concessões ao grupo subalterno atribuindo vantagens sociais, ou seja, para garantir a estabilidade do poder do grupo dominante é preciso que as instituições que representam o poder do Estado, que refletem nossa forma de governo democrática contemplem as demandas e os interesses dos grupos sociais minoritários, raciais historicamente discriminados e que não detém poder. (ALMEIDA, 2019)

No que concerne aos grupos minoritários, em especial a comunidade negra, foco desse estudo, podemos afirmar que historicamente a comunidade negra foi forçada por uma combinação de forças opressoras e interesses específicos da comunidade branca a ocupar uma posição de subalternidade. Tal posição ocupada pela comunidade negra foi política e historicamente reforçada pelo racismo entranhado na estrutura social. Racismo esse que se materializa concretamente nos elementos que contribuem com as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados suportem situações de desigualdade política, econômica e jurídica de forma sistemática. (ALMEIDA, 2019; HAMILTON, KWANE, 1967)

Pensar o racismo como parte da estrutura social não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas, contudo é preciso estar atento ao fato de que as expressões do racismo no cotidiano, são manifestações de um passado colonial com conteúdos que remetem a desvalorização, desumanização e silenciamento do negro, conteúdos que historicamente tem sido desenvolvido nas entranhas políticas e econômicas da sociedade, e que contribuem para que o racismo seja compreendido e praticado enquanto uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como embasamento, e que se exprime por meio de práticas conscientes ou inconscientes que resultam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, de acordo com o grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2019)

O julgamento fundamentado em estereótipos que considerem indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, implicando ou não em práticas discriminatórias, é denominado de preconceito racial. A discriminação racial, no que lhe diz respeito, consiste de tratamento distinto a pessoas de grupos racialmente identificados. Por conseguinte, a discriminação tem como condição fundamental o poder,

em outras palavras, a probabilidade real do uso da força, sem o qual não é possível atribuir privilégios ou desvantagens de acordo com o grupo racial a qual pertencem. (ALMEIDA, 2019)

A discriminação pode ser direta, sendo caracterizada pelo desprezo patente a indivíduos ou grupos, determinado pela condição racial, isto é, a discriminação direta implica a discriminação de pessoas racializadas a partir de um único vetor e também que a imposição de um tratamento desvantajoso promove a existência da intenção de discriminar. Assim como, pode ser indireta processo em que circunstâncias peculiares a grupos minoritários é desconsiderada ou sobre a qual são impostas regras de “neutralidade racial” sem que se leve em conta a existência de desigualdades sociais relevantes. (ALMEIDA, 2019)

Em Longo prazo como consequência das práticas de discriminação direta e indireta podemos observar um fenômeno intergeracional denominado de estratificação social, fenômeno esse onde o percurso de vida de todos os membros de um grupo social é afetado. Sabe-se que o racismo consiste de discriminações sistemáticas que se fundamentam no quesito raça, discriminações decorrentes de padrões de comportamentos inconscientes ou conscientes que conduzem a privilégios ou desfavorecimento para os indivíduos, considerando o grupo racial a qual pertencem.

ARTIVISMO LITERÁRIO E CONCEIÇÃO EVARISTO

Olhos D'Água é um livro de ficção brasileiro que apresenta uma seqüência de contos escritos por Conceição Evaristo de Brito, considerada uma das mais influentes lingüistas e escritora brasileira do movimento pós-modernista no Brasil.

Conceição Evaristo de Brito é escritora, doutora em Literatura Comparada e professora universitária, nasceu na periferia de Belo Horizonte. Pela obra “Olhos d'Água”, a autora foi contemplada com o 3º lugar na categoria Contos e Crônicas do Prêmio Jabuti, em 2015. Recentemente, ela também recebeu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura pelo conjunto da sua obra, sendo a primeira escritora negra a receber essa premiação desde que foi criada.

Os principais contos discutidos aqui serão: **Olhos D'água:** que retrata a busca por respostas no passado, as vivências do período de infância e as lembranças da figura materna. **Ana Davenga:** que retrata o relacionamento de Ana com seu homem assim como as perspectivas desse relacionamento em decorrência do lugar que seu

companheiro ocupa na comunidade. O que contribui para que Ana retrate as angústias da espera por seu homem. **Maria:** que reencontra alguém do seu passado e como resultado disso é julgada e sentenciada pela população. **Quantos filhos Natalina teve?:** Que descreve os sentimentos de uma mulher por sua gravidez, a identificação com o papel de mãe assim como o pertencimento e as regras sobre seu próprio corpo. **Os amores de Kimbá:** que retrata uma trágica história de amor ou talvez de pose.

Durante a leitura dos contos, um dos principais elementos que chamou minha atenção foi o desenvolvimento dos personagens, a forma como esses se colocavam e se expressavam diante do mundo e das situações vivenciadas. Me questionamento foi direcionado a minha impressão de que os personagens vivenciam cotidianamente situações de sofrimento, situação da vida diária passíveis de observação e aprendizado, contudo a forma como se apresentavam parecia desconsiderar a profundidade das questões apresentadas, localizando o discurso desses no imaginário, no senso comum e em explicações mitológicas.

Pensando nisso, busquei fundamentar tal impressão no contexto histórico do povo negro no Brasil. A escravidão fundamenta o poder do homem branco e seu papel enquanto dominador. Nesse período o homem negro passou por um processo de modelagem de comportamento que consiste em reforçar um comportamento desejado através de aproximações sucessivas, ou seja, no caso do homem negro o comportamento selecionado foi o comportamento de submissão e o reforço utilizado para a modelagem desse comportamento é a desumanização do homem negro que estabelece o homem branco como dominador.

O reforço além de fortalecer uma resposta particular, nesse caso a submissão do homem negro associado com a dominância do homem branco, também aumenta a probabilidade de ocorrência de resposta em situações aproximadas, garantindo como consequência a desumanização do homem negro e decorrente disso sua sobrevivência.

Talvez há de se pensar que com a abolição da escravidão, o comportamento de submissão não seria mais necessário a sobrevivência do homem negro, contudo, percebe-se que após a abolição as pessoas negras foram denominadas enquanto classe perigosa o que os posiciona enquanto grupo de pessoas historicamente marginalizados numa sociedade desigual que desumaniza as minorias, ou seja, o negro continua posicionado em um lugar de subalternidade que privilegia a sobrevivência enquanto o lugar dos dominadores privilegia seu poder e desenvolvimento pessoal.

Para que possamos entender a continuidade do comportamento de submissão do homem negro após a abolição da escravidão precisou considerar os elementos que foram utilizados para a seleção do processo de escravidão, as torturas, a cisão do local de origem, as rupturas forçadas das famílias, entre outros processos que estabeleceram a desumanização do homem negro. A abolição possibilita a libertação do negro de uma situação de dominância, contudo, não oferece subsídios para que condições de cidadania sejam desenvolvidas. A abolição possibilita que o homem negro possa se movimentar de outra forma na sociedade, contudo, não oferece possibilidades de reforço do comportamento de liberdade do homem negro, o que cria a necessidade de estratégias de sobrevivência por parte desse homem o que possibilita uma evolução do comportamento de submissão. Essa evolução garante que o homem negro apresente outras formas de se comportar submissivamente, ou seja, antes a submissão do negro era definida pela função do homem negro enquanto mercadoria e submeter-se era executar as ordens do dono. Com a abolição, teoricamente o negro se torna homem livre, contudo ser livre não garante sua condição de cidadão. E a fim de garantir sua sobrevivência ao negro resta viver a margem da sociedade.

Dessa forma, essa marginalização do negro promove o afastamento deste do funcionamento da sociedade e sua invisibilidade excluindo-o em favelas que se tornam o espaço de desenvolvimento para o negro à medida que o capitalismo impede sua ascensão (político-social e econômica) na sociedade, assim sendo é nas favelas que o negro finaliza sua busca por territórios e é também na favela que o negro encontra a possibilidade de agregação, possibilidade de lutar, de se reconhecer enquanto homem, integrante de uma comunidade.

Marcadas por distintos estigmas desde o início de sua existência, as favelas sempre sofreram com a violência de Estado, materializadas nas incursões policiais ou nas tentativas de despejo, muitas vezes a fim de atender os interesses de determinados setores sociais ao custo do aviltamento dos direitos de outros setores. (PESTANA, OAKIM, 2015)

Além de ser excluído do funcionamento social existe toda uma estrutura de repressão implementada e fortalecida pelo Estado que reproduz uma política criminal enraizada no colonialismo escravocrata brasileiro e faz uso de violência histórica e estrutural contra negros; violência essa cotidianamente reproduzida pelos equipamentos de segurança público e demais serviços de controle social. (PIRES, 2015)

No que concerne a história do povo negro, percebe-se que a este é atribuído um papel social limitado pela racialização, o que contribui para sua separação, exclusão social e para com um processo de aniquilação, aniquilação desse povo, de sua cultura e de sua história.

Por muito tempo, ao negro foi proibido, pertencer, ser, de estar entre os seus, de encontrar territórios, de conhecer sua história, de reconhecer sua própria identidade e ao perpetuar no negro a ignorância de sua história, de sua identidade, do direito de ter seu Quilombo, do seu direito de ser a classe dominante continuamente reproduz violações de direitos, assim como nega o acesso a esses direitos, legitimando o extermínio dos ditos malandros, do povo negro.

Essas violações respaldadas pelo estado contribuem para que o povo negro desenvolva o medo do poder, o medo da classe dominante, a vergonha de ser quem é e, por conseguinte a obrigação de tornar-se a imagem do dominador. Imagem essa que impede ao negro acesso a sua cultura ancestral, que nega o olhar a outros negros, sendo possível dessa forma reconhecer-se no outro e assim recuperar sua identidade e que exige aos negros, a renúncia de ser quem é a fim de garantir sua sobrevivência.

A busca do negro por direitos é então equiparada à figura que o grupo dominante detém na organização social, ou seja, a busca do negro por direitos é entendida como uma busca pela supremacia, e diante desse argumento a classe dominante busca legitimar seu legado de violações aos Direitos Humanos, aos direitos do negro.

Como resultado disso, observa-se a impossibilidade de promoção da memória e da verdade, da reparação às vítimas, da justiça e de reformas institucionais, a memória do negro trata de conteúdos de um continente, da vida, do passado, da origem, e, o mapa desse continente é o corpo negro.

Na impossibilidade de ressignificação de sua história, mediante a naturalização da escravidão, da concepção do racismo enquanto uma sistemática de inferioridade intrínseca e natural, que serve como apoio ideológico para opressão colonial mesmo depois da abolição da escravidão, ao povo negro é possível a vivência de liberdade através da Arte, objetivando, a expressão das problemáticas vivenciadas, das demandas sociais, políticas e econômicas deixando de ser algo individual e passando a ser algo de um coletivo passível de transformação social, ou seja, por intermédio da Arte o negro se liberta, denuncia, resiste e extrapola o desejo de não ter vivido a experiência de escravidão.

Quando o negro dança, canta, desfila o Carnaval, ele não está simplesmente ou apenas se divertindo, mas vivencia a cultura como uma oportunidade de reencontrar-se, de estar com os seus, de encontrar território, de ser ele mesmo, de reconhecer sua identidade, seu passado, sua história. É através da dança, da música que os negros levam a alegria e vivenciam a libertação do corpo aprisionado.

Percebe-se, que o lugar do negro é repleto de violações, violações essas que o identifica enquanto isento de poder, poder político, poder de voz, poder de ser quem é, sendo a branquitude construída como um marcador de privilégios, onde as características do negro são sistematicamente diminuídas em prol de um processo de branquitude e participar desse processo de branquitude implica em submeter-se.

Considerando que os comportamentos sociais são mediados por outros indivíduos e dependem das relações entre eles e, que o comportamento de uma pessoa pode ser antecedente ou conseqüente ao comportamento do outro avaliamos que ao longo da história a cultura hegemônica dominante que fundamenta a supremacia dos brancos tem contribuído para a seleção das habilidades sociais do povo negro, seleção essa que encontra-se diretamente relacionada a estrutura social que estabelece os grupos dominantes e os grupos subalternos.

O racismo articula-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial de raças em localidades específicas. Portanto, a estratificação social enquanto conseqüência das práticas sistemáticas de discriminação racial interfere diretamente na possibilidade de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material de grupos racialmente identificados, ou seja, quando falamos de racismo, falamos de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio se distribuem entre grupos raciais e se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. (ALMEIDA, 2019)

Em decorrência desses processos racializados, podemos afirmar que o Estado regulamenta esses processos de desvantagens e privilégios, agindo no sentido de estabelecer normas e padrões que orientarão a ação dos indivíduos proporcionando relativa estabilidade aos sistemas sociais.

OLHOS D'AGUA: IDENTIDADE E HUMANIZAÇÃO

Começaremos nossa análise pelo Conto Olhos D'Água, o conto inicia-se a partir da necessidade da personagem de descrever a cor dos olhos de sua mãe. Questiona-se o motivo de tal questionamento e se tal decorre de um possível processo de luto. Período em que se lembrar da mãe, lembrar suas características físicas é uma forma de garantir sua existência em suas memórias e a incapacidade de descrever a cor de seus olhos gera uma série de pensamentos e sentimentos, sendo os mais persistentes o pensamento de dúvida sobre si mesma e o sentimento de culpa decorrente da dificuldade de estabelecer sua identidade a partir das diferenças e/ou semelhanças para com sua mãe.

A definição da identidade depende da diferença, a definição do normal depende da definição do anormal. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do "dentro". A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. Como sabemos desde o início, a diferença é parte ativa da formação da identidade. (SILVA, 2000)

A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo em que é um problema pedagógico e curricular. É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável. É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a volta do outro, do diferente, é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência. O reprimido tende a voltar - reforçado e multiplicado. E o problema é que esse "outro", numa sociedade em que a identidade torna-se, cada vez mais, difusa e descentrada, se expressa por meio de muitas dimensões. O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente. (SILVA, 2000)

Respeitar a diferença não pode significar "deixar que o outro seja como eu sou" ou "deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)", mas deixar que o outro seja como eu não sou deixar que ele seja esse outro que não pode ser

eu, que eu não posso ser que não pode ser um (outro) eu; significa deixar- que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra "relativamente a mim" ou "relativamente ao mesmo", mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade. (SILVA, 2000)

Na tentativa de estabelecer sua identidade a personagem continua a listar suas diferenças e a listar o que ela é: a primeira de 07 irmãos, aquela que não buscava apoio familiar, que desenvolveu independência logo cedo, que estava sempre junto da mãe e observando seus comportamentos, aprendia a ser quem é, aprendia a conhecer sua mãe e a decifrar seus silêncios e que a partir da interação com a mãe descobria suas falhas.

A partir dessas lembranças ela começa a confundir sua história com a da sua mãe e passa a vivenciar sentimentos de desespero, de falta e lembra-se dos olhos da mãe, olhos que podiam ser comparados com os olhos da natureza que naquele momento "balançavam a casa e chovia, chorava, chovia".

O processo de luto vivenciado aqui tem relação com a possibilidade de esquecer-se da mãe e esse questionamento suscitado pela distância, pela solidão movimenta a personagem a encontrar-se com sua mãe a fim de descobrir a cor de seus olhos e ao olhar nos olhos da mãe ela descobre que "minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar seu rosto", "... rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície."

A cor desses olhos conta a história de toda uma vida ali refletida, vida tão significativa que a cor fica restringida a um mero detalhe. E no processo de identificar à cor desses olhos a personagem descreve o processo de assumir sua identidade negra, não é sem propósito que esse conto inicia o livro.

Assumir a identidade negra pode ser um processo extremamente doloroso, uma vez que são poucos os modelos positivos de identidade negra, a representatividade posta em nossa sociedade é da pessoa branca. A história tirou do negro sua terra, sua família e o colocou como propriedade de homem branco, a partir da abolição, o negro sem saber de sua história, sem identidade, sem família luta pelo seu espaço, pelo seu direito de ser e passa a ocupar o espaço do negro, que sem apoio do Estado, sem apoio daqueles que tudo lhe tomou, perpassa por lugares como: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos "habitacionais". (PESTANA, OAKIM, 2015; PIRES, 2015; RATTS, 2012)

“Tornar-se negro, portanto, é vencer inúmeros obstáculos, onde o referencial é sempre o mundo branco; é um desafio doloroso.” (SOUZA, 1983)

Ao longo do desenvolvimento do conto, observamos a personagem tomar consciência e pose do que é ser negro, de assumir sua identidade, de mulher, negra, com um passado de mais de 300 anos de escravidão, com um passado de sofrimento, sofrimento esse refletido nos olhos dos seus e nos dela.

A personagem declara seu pertencimento, sua proximidade para com os seus e para com seu Quilombo, proximidade declarada quando ela relata: "Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra."

A priori, ser negro não é uma condição dada, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro é compreender que a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos. Assim, as instituições moldam o comportamento humano, tanto do ponto de vista das decisões e do cálculo racional, como dos sentimentos e preferências.(ALMEIDA, 2019)

No Conto de Ana Davenga, nos deparamos com a necessidade da protagonista de vivenciar suas relações afetivas de uma forma que ao longo do período de escravidão foi proibido ao negro, Ana Davenga relata seu desejo de ser, pertencer, de estar entre os seus, de encontrar territórios.

E é nas vivências desse Quilombo que Ana nos possibilita observar as vulnerabilidades, as violências perpetradas contra a população negra, fruto do legado colonial-escravista que inicialmente marginalizou o negro enquanto propriedade do homem branco e posteriormente com a abolição passou a denominá-lo de vadio, preguiçoso que só serve pra pinga e cachaça, sendo, dessa forma, transformado pela sociedade em vilão, bandido e marginal.

E a fim de sobreviver, na maioria das vezes, ao negro tomar posse desse papel é o que resta. Contudo, para a sociedade esse papel, esse lugar é a escolha das minorias, a sociedade os julga como se estar nesse lugar fosse confortável e a continuidade nesse lugar se dá pelas “facilidades” e por falta de interesse em assumir responsabilidades e adentrar no mundo do trabalho. Tal julgamento é reforçado pelo fortalecimento do neoliberalismo que desresponsabiliza o Estado, assim como o funcionamento econômico

capitalista que politicamente produz situações de precariedade e aumento das vulnerabilidades desses grupos historicamente sujeitos às violações de Direitos Humanos e a negação do reconhecimento social de sua humanidade, visto que, não é possível existir vida sem a garantia de suportes sociais de sustentação. (FREITAS, 2020)

Devido a essa desassistência do Estado, devido aos elevados déficits sociais e econômicos, as situações de desemprego, desigualdade e ausência de políticas sociais compensatórias, comumente, as minorias, a fim de garantir condições de subsistência compõem o quadro da criminalidade contribuindo para a disseminação de situações de violência que tem aumentado nas últimas décadas. (BEATO FILHO, 2002)

É importante considerar aqui que outros setores tendem a conceder à impunidade de nosso sistema de justiça penal a primazia na composição deste quadro, encontrando na literatura econômica a respeito do crime o suporte teórico para esta perspectiva. Contudo, o panorama que nos interessa aqui baseia-se no princípio de que uma vez marginalizado da sociedade ao negro inserir-se nos eventos que ocorrem à margem da sociedade é uma questão de sobrevivência e ao Estado as situações em que o negro encontra-se inserido, que comumente são atividades ilegais, são justificativas para exterminá-lo, e esse extermínio não é objeto de discriminação, no sentido de capacidade distinguir entre aqueles que exercem atividades ilegais daqueles que não e que encontram no trabalho a possibilidade de vender sua força de trabalho. Não que a participação em atividades ilegais justifique o extermínio, todavia o que observamos é a generalização da culpa aos negros e a esses não é possibilitado o direito de ser inocente até que se prove ao contrário.

Consideramos aqui que o racismo é garantido por aparato estatal o que contribui para a naturalização da desumanização. Em 522 anos de domínio o Estado brasileiro não baixou políticas de reparação aos negros, mas bancou a imigração. Trabalhamos 400 anos de graça para gerar riqueza e não fomos considerados após a abolição. (ALMEIDA, 2022)

E é nesse contexto que observamos Ana Davenga, Davenga de seu homem, é a atribuição do nome de seu companheiro a si própria pode ser contextualizado pelas circunstâncias da escravidão, período em que ao negro era negado seu direito a família, o direito ao vínculo, uma vez que, os escravos eram vendidos separadamente. Com a abolição, observamos a construção de novos eventos e a possibilidade de construção de arranjos familiares, no caso narrado, a mulher se torna pouso, valorização do vínculo em prol de bens materiais, “ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome”

e assim ela vivencia a possibilidade de não mais ser propriedade do homem branco, mas sim propriedade de sua própria espécie, de sua própria raça, muito mais que ser propriedade de alguém, ao apossar-se do nome de seu companheiro Ana sinaliza sua diferença e o pertencimento de si mesma.

Davenga ecoa o desejo de pertencer de Ana quando relata sua admiração e interesse por ela e, pensa consigo que “ele queria uma mulher só. Estava cansado de não ter pouso certo... E a mulher que lhe lembrava a bailarina nua havia mexido com ele, com alguma coisa lá dentro dele. Ela lhe trouxera saudade de um tempo de paz, um tempo criança, um tempo Minas.”

Ana Davenga também nos sinaliza sua vulnerabilidade pessoal quando se atemoriza a partir de eventos rotineiros, batidas na porta que comumente significa a presença de alguém do outro lado, para Ana parece significar a possibilidade de uma má notícia. E em decorrência dessa batida, Ana Davenga passa por uma série de sentimentos pensamentos, ela lê o ambiente a procura de informações que possam esclarecer a ausência de Davenga, seu companheiro, ou o risco que este corre naquele momento, a partir disso Ana Davenga passa a ter respondentes como: temor, peito doendo. Ana Davenga por um momento pensa em seu filho por nascer, logo joga suas preocupações para o futuro, mas pensa: “o futuro chega rápido. O tempo de crescer era breve. O tempo de matar ou morrer chegava breve, também.”

Percebe-se aqui que Ana vive o aqui e o agora, que ela reconhece os riscos aos quais está exposta, mas esta se torna uma preocupação para o futuro, futuro que chega rápido, tão rápido que até mesmo as datas significativas se tornam sem significados. Imersa em suas preocupações sobre onde se encontra Davenga ela esquece que era seu aniversário e que a batida que antecedeu a festa onde ela incessantemente procurava por Davenga era em sua homenagem. Quando cientificada desse fato por Davenga, Ana conclui que “ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento.”

Finalizado a comemoração de seu aniversário, enquanto o casal encontravam-se repousando, Davenga vestido com sua pele negra, lisa e brilhante, enquanto Ana estava nua, novamente ouve-se uma batida, dessa vez uma batida abrupta que anuncia a invasão das forças de segurança e interrompe violentamente a interação do casal devido a entrada de policiais de arma em punho.

Ele sabia estar vencido. E agora, o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca! A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a morte. Se Ana

sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino? De cabeça baixa, sem encarar os dois policiais à sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gesto se ouviram muitos tiros. (EVARISTO, 2018)

Consideramos aqui que a racialização dos corpos produzida a partir da colonização possibilita o estabelecimento de uma hierarquia de vida e de morte. Sendo que, o corpo que pode ser tocado, racializado e estuprado é o das minorias estruturais, ou seja, o racismo torna-se a base do direito de matar. O negro é fabricado como insígnia da morte, sendo desumanizado e submetido à violência racial-colonial e também à de gênero, ou seja, as pessoas brancas, de modo deliberado ou não, são beneficiárias das condições criadas por uma sociedade que se organiza baseando-se em normas e padrões prejudiciais à população negra sendo que nossos corpos são descartáveis para os regimes de poder e de violência racial-colonial. (GONZAGA, CUNHA, 2020)

“Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais a serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga. Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria.”(EVARISTO, 2018)

Nessa perspectiva, evocamos aqui, Maria, que enquanto esperava o ônibus que a levaria para sua casa, reflete sobre seu dia, sobre seu trabalho, de onde recém saíra e, planeja seu dia restante. Maria pensa no seu cansaço, no preço da passagem, considera a possibilidade de ir para sua casa a pé a fim de economizar, contudo desiste da idéia devido às várias sacolas que carrega. Sacolas onde levava os restos da festa do dia anterior da casa da patroa, restos que garantiriam o alimento dos filhos e lhe possibilitaria a compra de remédios para os filhos doentes com a gorjeta que havia ganhado.

Dentro do Ônibus, Maria reconhece um homem, esse homem lhe paga a passagem e Maria relembra de seu passado e divaga:

"Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele...Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho...E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade!...O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela...Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho.(EVARISTO, 2018)

Logo após esse diálogo, Maria é surpreendida pelo ato do pai do seu filho de assaltar o ônibus e, a ela, resta assistir.

Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos... O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não

pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. (EVARISTO, 2018)

Enquanto os assaltantes descem do ônibus, Maria permanece.

Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho...Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois...A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!...Tudo foi tão rápido, tão breve...Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. (EVARISTO, 2018)

A partir desse conto nos deparamos com a Autorização do discurso de ódio como liberdade de expressão. Podemos vivenciar o comportamento de negros denunciando outros negros com o objetivo de se identificarem com a imagem do dominador, e assim vivenciamos a punição dos iguais, assim como a punição conjunta pelo simples fato de compartilharem da raça e em algum momento se estabelecerem enquanto grupo, mesmo que não tenham cometido o mesmo crime, pelo fato de estarem próximos são julgados juntos devido ao preconceito baseado na raça, preconceito esse que como descrevemos ao longo desse trabalho é histórico e cultural.

Portanto, os negros pagam pelos pecados de ser gente, de serem humanos, pagam pela falta, falta essa que é cotidianamente fortalecida pelos brancos. Quando se limita o olhar sobre o racismo a aspectos comportamentais, deixa-se de considerar o fato de que as maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas sob o abrigo da legalidade e com o apoio moral de líderes políticos, líderes religiosos e dos considerados “homens de bem”, ou seja, a escravidão tornou se linguagem e de forma sofisticada está presente na nossa sociedade até os dias atuais.

Em “Quantos filhos Natalina teve? ”, podemos observar a influência do silenciamento na vida das mulheres e como esse silenciamento compromete seu poder de decisão e empoderamento de seu corpo. Socialmente essa mulher é julgada como leviana e irresponsável, a mulher que não se cuida, que tem uma infinidade de filhos e não cuida e uma série de outros julgamentos que transcendem o ideário de uma sociedade patriarcal que e que sistemicamente potencializa o excesso da precariedade e exploração de um grupo de pessoas com identidades específicas de raça e de gênero que encontram-se destituídos das condições de reconhecimento de sua humanidade e,

portanto, suscetíveis a todo tipo de exploração, seja ela, econômica, social, a variados tipos de violência e violação de direitos humanos. (FREITAS, 2020)

Essas violências direcionadas às populações colonizadas são justificadas a partir dos mecanismos de desumanização que definem enquanto condição de reconhecimento da humanidade a adequação aos critérios postulados de branquitude e heteronormatividade. O sistema colonial pressupõe uma hierarquia entre humanos e não humanos, sendo os humanos os colonizadores, homens brancos aptos a governar, heterossexuais, cristão, sendo a função do pensamento centrada na mente e na razão enquanto que a mulher branca estava a serviço desse homem a fim de servir aos propósitos da reprodução da raça, sendo um primórdio de pureza sexual. Enquanto que os colonizados, indígenas e africanos escravizados eram classificados como espécies não humanas e definidos enquanto incontrolavelmente sexuais e selvagens. (FREITAS, 2020)

Natalina teve quatro gestações, na primeira gestação ela ainda era uma menina descobrindo sua sexualidade. Durante sua infância, sua capacidade de cumprir regras e ficar sob o controle de sua mãe foi mediada pela crença de que caso contrário seria levada por Sá Praxedes. Natalina morria de medo da velha, diziam que ela comia meninos, e essa crença era comprovada pela observação de Natalina que via mulheres barrigudas entrando no barraco da velha, algumas saindo com suas crianças nos braços e outras saindo de braços vazios. “Onde Sá Praxedes metia as crianças que ficavam lá dentro?”

Ao longo do desenvolvimento do conto observa-se a influência da crença de Sá Praxedes na vida de Natalina. Ela protege o primeiro de ser devorado por Sá Praxedes, Natalina, não queria esse filho, por vários dias toma as beberagens que vira a mãe beber em várias ocasiões e sabia que funcionavam, contudo, quando esses chás não resolvem e a mãe sugere a intervenção de Sá Praxedes, Natalina acredita que aquela sugeriu tal ideia por ter mágoas dela e que Sá Praxedes comeria aquilo que estava em sua barriga e, apesar de não querer o menino, não queria que ele fosse comido pela velha. Diante dessa possibilidade Natalina foge de casa e na oportunidade do parto, assegura que o bebê seja cuidado pela enfermeira que o quis. Diante do medo do desconhecido, Natalina toma decisões que a expõem à maior risco, aumentando sua vulnerabilidade pessoal.

O conhecimento de Natalina decorre de suas vivências, do saber pela experiência, observa-se que ela não sabe dizer desse saber, simplesmente sabe que as coisas são assim, e como tal, não precisam ser ditas e potencializa o medo do imaginário, aumenta a

influência da crença, e diminui a possibilidade de esclarecê-las. Compreendemos que o silenciamento está intrinsecamente ligado ao abuso de poder. O silenciamento é sutil e reforçado pela facilidade daqueles que detêm o poder de desacreditar do discurso daqueles que estão submetidos às relações de poder.

A personagem nasce em um contexto de pobreza, ignorância e miséria que produz realidades como as aqui descritas. Observamos que Natalina se responsabiliza pelas suas vulnerabilidades, contudo há de se considerar que as vulnerabilidades elencadas aqui são resultados da violência sistêmica, do aparato social e político que cria a exclusão, a miséria e a própria violência.

Vulnerabilidades essas necessárias para a manutenção do capitalismo, pois é dele que se criam as condições de pobreza e exclusão que preparam o pano de fundo da violência visível, a violência subjetiva. A ação silenciosa e, muitas vezes invisível, de todo um sistema econômico que busca o lucro em detrimento do humano, que prossegue com suas estratégias econômicas, indiferente ao fato de que tais estratégias irão ter um impacto implacável na realidade social dos desfavorecidos.

Essas vulnerabilidades pessoais de Natalina, gravidez na adolescência, desinformação, ausência de educação sexual, desproteção parental que a localizam como responsável pelo cuidado dos irmãos, entre outras, a expõem a situações de risco decorrente de seus processos de escolhas. A vulnerabilidade social decorrente do ambiente que ela está inserida aumenta sua vulnerabilidade pessoal. Sendo que a vulnerabilidade de serviços definida pela vulnerabilidade programática, ou seja a dificuldade de acesso e o não oferecimento de ações demandam a formulação de políticas sociais que visem resgatar esses aspectos sociais deficitários proporcionando proteção social com objetivo de resgatar e restabelecer direitos violados.

Contudo, a lógica global de desumanização decorrente da colonilidade que resulta na divisão do mundo em pólos opostos e inconciliáveis e que localiza de um lado os colonizadores e do outros os colonizados que divide e categoriza as pessoas em: brancos e negros, homens e mulheres, razão e sentimento, público e privado, sujeito e objeto impossibilita a superação dessas vulnerabilidades. É preciso considera que atualmente, em decorrência das praticas de *discriminação positiva*, conceituada como a possibilidade de atribuição de tratamento diferenciado a grupos historicamente discriminados com o objetivo de corrigir desvantagens causadas pela *discriminação negativa* – a que causa prejuízos e desvantagens; ao negro tem sido possível ocupar outros espaços, outra

posição social, contudo, ainda assim sofrem o racismo todos os dias. A partir do momento que nomeia sua posição o tratamento muda. (FREITAS, 2020; ALMEIDA, 2019)

No decorrer de suas reflexões, Natalina se desculpa com os homens que a engravidaram, se desculpa e pede perdão, se envergonha por ter engravidado e responsabiliza a si mesma pelo possível desprezo desses homens, acreditando que eles não iriam querer uma menina que estivesse esperando um filho, ou seja, a responsabilização da mulher e isenção da responsabilidade do homem. Olhar pornográfico que traz uma posição de subalternização às mulheres. A segunda gestação de Natalina foi sem querer, Natalina não queria filho, não queria família e se surpreende com a reação do pai de seu filho: “Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho... Voltou levando consigo o filho que Natalina não quis.”

A recusa de Natalina em formar uma família, declara a individualidade da personagem, assim como sua resistência e denúncia perante o processo historicamente construído de desumanização da mulher negra ou de passividade e reprodutora da raça da mulher branca, possibilitando assim o favorecimento da desconstrução dos padrões normativos produtores e reprodutores de concepções hierárquicas excludentes de quem é humano e quem não é.

Natalina se opõe a assumir o papel socialmente construído de que à mulher cabe o cuidado da família e dos filhos, apesar de isentar a responsabilidade do homem e atribuí-lo apenas para si, Natalina questiona essa identidade e problematiza os binarismos em torno dos quais as relações se organizam e exerce o poder de escolha sobre seu próprio corpo de gerar uma vida e não responsabilizar-se por essa, de relacionar-se, mas de não constituir família.

Respeitar a diferença não pode significar deixar que o outro seja como eu sou, ou, deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro), mas deixar que o outro seja como eu não sou deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra, relativamente a mim, ou, relativamente ao mesmo, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade.

Na terceira gestação ela se condeu de uma mulher que almejava ser mãe, Natalina, entende o sofrimento da mulher incapaz de gerar e se dispõem a gerar para essa mulher, Natalina em sua simplicidade analisa e decide, contudo e esse casal? Usou Natalina? Natalina relata outra realidade de vida quando se relaciona com esse casal, relata se sentir dona do apartamento onde trabalhava ali ela vivenciou cuidado, pensa-se que tal cuidado poderia ser premeditado com vistas a atingir determinado interesse, contudo, Natalina quando é cuidada por interesse, não consegue ter o feeling, vive o sentimento de cuidado, vive o presente, o imediato, o curto prazo. Poderíamos considerar, portanto, uma dificuldade de resistência à frustração? Ou problematizamos o que para Natalina reflete a simplicidade da vida? Simplicidade a qual ele remete ao final que a vida é nascer e morrer.

Consideramos que o sofrimento vivenciado por Natalina é latente e profundo, contudo suas conclusões, suas decisões, são simplistas. Posteriormente Natalina relata que se sentiu devedora na terceira gestação, contudo, é nessa gestação que ela se doa, doa seu útero para suprir o desejo de maternidade de outra pessoa, desejo que até então Natalina não havia vivenciado, ainda assim, relata sentimentos de culpa,

Se vê como mãe na quarta gestação, essa decorrente de um estupro, ela é bastante clara e determinada em não ter interesse de criar os 3 filhos anteriores. Porém, em sua quarta gestação Natalina se empodera de seu corpo e do ser que esse corpo gera. A gestação é decorrente de um estupro, uma violência, essa violência é ressignificada por Natalina como um preço a ser pago, e após pagar esse preço, ela se torna proprietária de seu próprio corpo, de sua capacidade de gerar e afirma “Agora teria um filho que seria só seu, sem ameaça de pai, de mãe, de Sá Praxedes, de companheiro algum ou de patrões. E haveria de ensinar para ele que a vida é viver e é morrer. É gerar e matar.”

O processo de Desumanização é um dos elementos que encontramos de forma recorrente ao longo dos contos. Processo esse que localiza a população negra enquanto propriedade do homem branco, dessa forma, o lugar do negro compreende um espaço repleto de violações, violações que o identificam enquanto isento de poder, poder político, poder de voz.

No conto Os amores de Kimbá é possível vivenciar o processo de Desumanização quando nos aprofundamos nos pensamentos e sentimentos de Kimbá. No percurso do desenvolvimento do relacionamento entre os personagens Kimbá reflete a quem pertence seu amor, ele descreve os sentimentos pelos dois personagens, sendo que por um ele

sente amizade e por outro ele sente amor, ele sabe com quem ele quer ficar, mas não faz uma escolha, não quando sua escolha pode intervir na vida de quem detém o poder, contudo quando as escolhas são referentes à sua vida ele demonstra sua habilidade em escolher voltar para sua casa, mesmo odiando as condições em que vive, ele se recusa a permanecer no domínio do “amigo”, mesmo com as comodidades deste domínio.

Seres desumanizados são mais propensos a serem explorados e o processo de exploração de Kimbá perpassa pelo processo de identidade, uma vez que seu nome é modificado pelo amigo, portanto Zezinho transforma-se em Kimbá. A transformação em Kimbá possibilita a Zezinho a construção de marcadores de privilégios decorrentes da diminuição das características do negro em prol de um processo de branquitude, assim como, acesso a outras classes sociais, econômicas e raciais. Para Kimbá essa mudança tem um custo, um custo emocional e que lança questionamentos sobre sua identidade:

Ele detestava também ter de ser dois, três, vários talvez. Dava trabalho mudar o rosto, o corpo, mudar até o gosto. Seria tão bom se ele pudesse ser só ele. Mas o que era ser ele? Era ser o Zezinho? Era ser o Kimbá? (EVARISTO, 2018)

Observamos aqui a dicotomia de sentimentos de Kimbá, apesar de não nomear o processo que separa em pólos opostos colonizadores e colonizados Kimbá compreende a lógica de desumanização sob a qual vive. Nesse trecho podemos observar sua angústia e desamparo perante idéia de tornar-se negro e sofrer das desvantagens que a racialização traz consigo ou aderir ao processo de branqueamento e gozar das vantagens de estar transitando na classe dominante, mesmo que para isso tenha que tornar-se objeto.

E o amigo? O que deu no amigo? Quando pensou que o amigo fosse penetrar na mulher, eis que o homem se levanta, vai atrás dele, abre a roupa dele e ainda por cima beija o membro dele! Será que o amigo era? Será que era? E agora, o que ele ia fazer? Gostava tanto dele. Frequentava a casa dele, saía com ele às vezes. Conheceu algumas amigas e amigos deles. Nunca havia percebido nada. Será que o homem ia dar em cima dele? (EVARISTO, 2018)

Aqui fica claro que Kimbá não tinha interesse em uma relação romântica com seu amigo, levado pelo momento e pelo desejo pela mulher ele se envolve na situação, mas refleti sobre seu desconforto. E em seu processo de reflexão, podemos observar que em momento algum Kimbá considera que o controle pode vir dela, que ele pode verbalizar seus sentimentos, seus pensamentos e assim assumir suas escolhas. Contudo, ele não faz isso e deixa claro que o controle está no outro e a ele resta submeter-se.

Enquanto que do outro lado, o pensamento é de pose e reflete as vantagens do lugar de dominação, “Beth possuía Kimbá querendo ter certeza de que o homem era seu.”

A estabilidade dos sistemas sociais depende da capacidade das instituições de absorver os conflitos e os antagonismos que são inerentes à vida social. Em outras palavras, é no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente estabelecidos pela estrutura social. (ALMEIDA, 2019)

Beth e o amigo de Kimbá sabem o que querem e o lugar que ocupam na sociedade, com todas suas vantagens forneceu a eles condições para persistirem em suas escolhas, para se comportarem de forma a obterem o que desejam mesmo que seja em detrimento de outros. Ambos vivenciam essa relação enquanto uma relação afetiva, enquanto para Kimbá essa relação implica em sua sobrevivência, em seu modo de vida, em ser Zezinho, o negro pertencente a um Quilombo submetido ao poder de classe ou o Kimbá pose de Beth, a quem ele ama, e pose de seu amigo, que o nomeou de Kimbá e já lhe propusera que deixasse de trabalhar e viesse morar com ele.

Kimbá jogou água e sabão no chão esfregando violentamente a sujeira como se estivesse com raiva. Estava mesmo. Estava cansado do dia a dia no supermercado e da noite a noite com Beth e o amigo. Não aguentava mais. Ou era o amigo ou era Beth. Eles lhe dariam tudo, caso ele quisesse. Tanto um como o outro já lhe haviam feito a proposta, para que ele deixasse de trabalhar e fosse morar em casas deles. Era tentador. Deixar a favela. Deixar a miséria. Deixar a família. (EVARISTO, 2018)

Kimba sabe quem quer, mas se sujeita a uma situação para ter acesso ao que quer sem fazer uma escolha. Kimba traz elementos da Escravidão que justificam essa postura, a diferença de classe também limita a possibilidade de escolha de Kimba. Kimba sabe que vai perder algo, independente de sua escolha. Opta por escolher a perda. E perde a vida, o único bem que possui. Seria o conhecido, mesmo que trágico mais confortável que o desconhecido? Talvez se ele escolhesse Beth, o desfecho poderia ser diferente? Seria possível a resolução das diferenças de raça e classe? Ou são pensamentos românticos?

Considero que o romantismo talvez esteja em acreditar que o reconhecimento da humanidade do povo negro venha do branco, da classe dominante. É preciso entender que não há reciprocidade entre o senhor e o escravo negro, entre a classe dominante e a classe submissa, a relação estabelecida aqui é de vantagem e desvantagem. Portanto, a solução pressupõe uma aliança entre os corpos precarizados, dessa forma, o reconhecimento da humanidade depende da valorização de si mesmo, da dignidade, da ação conjunta e horizontal das pessoas subalternizadas e da construção de laços de afeto e a partir disso reivindicar políticas de garantia de direitos. (FREITAS, 2020)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os resultados obtidos com esse estudo não são passíveis de generalização, visto que o mesmo foi baseado na análise de uma obra literária, acredita-se que esses resultados trouxeram importantes contribuições quanto ao objetivo proposto e, pessoalmente para mim foi uma oportunidade de me identificar, refletir e me aventurar no sentido de tornar-se negro e a partir disso espero me aprofundar nesse tema, desenvolvendo de forma mais aprofundada a relação de competência social, assim como outros fenômenos que produzem impactos no desenvolvimento do povo negro.

Considero de fundamental importância um estudo mais aprofundado do tema que contemple os aspectos da relação grupal, entre classe dominante e classe subalterna e a relação que a posição dos indivíduos na sociedade possui com o desenvolvimento individual e a possibilidade de atender às necessidades interpessoais considerando a vivência que os indivíduos possuem enquanto relações de poder e autoridade ou destituídos de poder e submetidos à autoridade de outrem.

O desenvolvimento deste trabalho foi particularmente complicado para mim, acredito que tal fato se deva a minha identificação com o tema e ao fato de que ao longo das disciplinas da Pós Graduação de Direitos Humanos, a temática negra mexeu bastante comigo e me possibilitaram pensar no espaço que a mulher negra ocupa e nas relações subjacentes a esse "lugar".

Considero que consegui desenvolver o tema a partir dos teóricos utilizados, contudo meu sentimento é de que minha pesquisa percorreu seu próprio caminho e que a minha pergunta inicial não foi respondida.

Talvez porque eu não soube fazer a pergunta ou porque não soube nomear as coisas que quero perguntar. Não sei dizer, mas percebo que essa dificuldade me acompanhou ao longo do trabalho e ainda permanece na dificuldade de dar um nome ao artigo.

Quando iniciei esse trabalho, tinha por objetivo analisar o que fundamentava o comportamento dos personagens de alienar-se, buscando explicações dos fenômenos da vida cotidiana no senso comum, na religião e até mesmo em explicações mitológicas da realidade. Indignou-me que essa alienação potencializasse que os personagens desconsiderassem seu próprio sofrimento como se sofrer fizesse parte da vida, e sim faz, mas quando esse sofrimento é decorrente de desvantagens sociais e a aceitação desse sofrimento como algo inerente à vida e a limitação da vida a "viver o dia como se fosse o

último", porque pode ser o último, e assim transformar-se em propriedades, objeto, um navio ao sabor do vento.

Como resposta a esse questionamento pude compreender que existem normas compartilhadas entre os sujeitos, ou seja, enquadramentos normativos que precedem as possibilidades de reconhecimento social. Que o povo negro está inserido em um aparato social que privilegia a exclusão e a violência para com eles e que tal situação remonta a cerca de 500 anos o que justifica o desamparo aprendido descrito como um comportamento que acontece quando a pessoa carrega consigo estímulos repetidos e que geram sofrimento, tornando difícil evitá-los.

Considerando esses aspectos, penso que este trabalho caminhou para uma reflexão de estruturas sociais e como os personagens respondem a essa estrutura. Quando meu interesse inicial era centrado nos indivíduos e no seu desenvolvimento interpessoal.

Tal fato tem me frustrado como se não tivesse dado conta de atingir meu objetivo, contudo começo a compreender que a resposta a tal questionamento não se encontra nos indivíduos, mas na relação entre esses indivíduos minoritários e a sociedade, a cultura, a economia e demais sistemas da sociedade.

Portanto, considero que esse trabalho contribui para me despertar para a complexidade do tema e que existe um longo caminho a ser construído.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sívio Luiz de. ALMEIDA, Sívio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BEATO FILHO, Cláudio. CRIME E POLÍTICAS SOCIAIS. In: GABINETE DE SEGURANÇA INSTITUCIONAL. **Das Políticas de Segurança Pública às Políticas Públicas de Segurança**. São Paulo: ILANUD, 2002. p. 9-18

CHAVES, L. G Mendes. Minorias e seu estudo no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, v. II, n. 1, p. 149-168, 1971.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. Habilidades Sociais. In: DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P.. **Competência Social e Habilidades Sociais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017. p 19-35

EVARISTO, Conceição. **OLHOS D'ÁGUA**. 2º ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.

FREITAS, Lorena Rodrigues Tavares de. DESUMANIZAÇÃO, RECONHECIMENTO E RESISTÊNCIA NA AMÉRICA LATINA E CARIBE: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A TEORIA DA PRECARIÉDADE DE JUDITH BUTLER E O FEMINISMO DECOLONIAL DE MARÍA LUGONES. **REVISTA DEBATES INSUBMISSOS**, Caruaru, PE. Brasil, Ano 3, v.3, no 11, set./dez. 2020. ISSN: 2595-2803 **Endereço:** <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>

GONZAGA, Paula Rita Bacellar; CUNHA, Vivane Martins . Uma Pandemia Viral em Contexto de Racismo Estrutural: Desvelando a Generificação do Genocídio Negro. **Psicologia: Ciência e Profissão** 2020 v. 40, e242819, 1-17. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003242819>

HAMILTON, Charles V.; KWANE, Ture. White Power: The Colonial Situation. In: HAMILTON, Charles V.; KWANE, Ture. **Black Power: Politics of Liberation in America**. Nova York: Random House, 1967. p. 2

JUSTIÇA para George Floyd: como a morte de um homem negro nas mãos de um policial inspira a luta antirracista no mundo hoje. UOL Notícias, 20 abril 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2021/04/20/biden-diz-que-condenacao-e-passo-gigante-mas-cobra-reforma-na-policia.htm>. Acesso em: 22 ago.2022

PESTANA, Marco; OAKIM, Juliana. A Ditadura nas Favelas Cariocas. **Relatório / Comissão da Verdade do Rio**. – Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2015. p. 456

PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. Colorindo Memória: Ditadura Militar e Racismo . In: **Relatório / Comissão da Verdade do Rio**. – Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2015. p.456

RATTS, Alex. Os lugares da gente negra: Temas geográficos no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez In: SANTOS, Renato Emerson dos. **Questões Urbanas e Racismo**. Petrópolis, RJ : DP et Alii ; Brasília, DF : ABPN, 2012. p. 216-243

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz

Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SKINNER, Burrhus Frederic. (1976). **About behaviorism**. New York: Vintage Books. p. 69 (Trabalho originalmente publicado em 1974).

SKINNER, Burrhus Frederic. Comportamento Operante. In: SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento Humano**. 11^o ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 64-97

SKINNER, Burrhus Frederic. Punição. In: SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e Comportamento Humano**. 11^o ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 198-209

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2^a edição. Rio de Janeiro: Editora graal. 1983.

YOUTUBE. **POSITIVAMENTE COM CRIS POLI (SUPERNANNY)**. Internet: Youtube, 2022. 1 video (02:21:22). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SLhcLORvZY4>. Acesso em: 22 ago. 2022